



Pra frente Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo¹

Ronaldo Helal², Álvaro do Cabo³ e Carmelo Silva⁴

Resumo

O presente artigo busca investigar o papel do futebol como um dos fatores de integração nacional brasileira no século XXI. Nossa abordagem tem por bases teóricas o pensamento de Stuart Hall sobre a questão das identidades e as considerações de Ronaldo Helal sobre a importância deste esporte como elemento aglutinador social no Brasil, sendo nosso fio condutor a institucionalização do futebol no país, a trajetória até a organização da Copa de 50 no Brasil e a projeção e expectativas para a copa de 2014, que será realizada por nós. As questões que nos colocamos e que constituem o ponto de partida de nossa análise são as seguintes: Como seria definida, nos tempos atuais, a identidade cultural brasileira? O que significa ser brasileiro no século XXI? Qual o papel do futebol nestas questões?.

Palavras-chave

Imprensa; Identidade Cultura Brasileira; Copa do Mundo

Corpo do trabalho

Introdução

O presente artigo busca investigar o papel do futebol como um dos fatores de integração nacional brasileira no século XXI. Nossa abordagem tem por bases teóricas o pensamento de Stuart Hall sobre a questão das identidades e as considerações de Ronaldo Helal sobre a importância deste esporte como elemento aglutinador social no Brasil, sendo nosso fio condutor a institucionalização do futebol no país, a trajetória até a organização da Copa de 50 no Brasil e a projeção e expectativas para a copa de 2014, que será realizada por nós. As questões que nos colocamos e que constituem o ponto de partida de nossa análise são as seguintes: Como seria definida, nos tempos atuais, a identidade cultural brasileira? O que significa ser brasileiro no século XXI? Qual o papel do futebol nestas questões?

Para começarmos a investigar o tema, torna-se importante retomar alguns conceitos: Stuart Hall argumenta que a identidade está profundamente envolvida no processo de representação, ou seja, qualquer mudança nos condicionantes da representação social dos indivíduos tem reflexo na identidade cultural daquele agrupamento. Mais que isso, que essas representações “quase sempre se apóiam nas tradições inventadas que ligam o passado e o presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais

¹ Trabalho apresentado no VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação Científica, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisador do CNPq

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

⁴ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro



importantes” (1998: 72). Nesse sentido, a concepção brasileira de eventos nacionais importantes para a construção da identidade nacional pode ser seguida historicamente. Não se identifica, na atualidade, por exemplo, fatores históricos capazes de reunir os brasileiros em torno de uma mesma e compartilhada consagração. Fatos importantes, mas distantes no tempo, como a inconfidência mineira, a independência nacional ou a proclamação da república, perdem cada vez mais força no imaginário dos indivíduos, apesar de serem feriados cívicos nacionais. Hall diz que esse afrouxamento está intimamente associado ao encurtamento das distâncias geográficas numa era globalizada e ao consumismo, porém, que, ao invés de destruir as identidades nacionais, essas novas condicionantes vão alterar a forma e definir novos fatores de identificação.

O próprio país ainda está em busca de seu posicionamento, em constante mudança, tentando se encaixar de forma mais concreta na economia mundial globalizada.

O desenvolvimento histórico demonstra que a industrialização tardia comprometeu de certa forma a inserção do Brasil no cenário internacional. Ao mesmo tempo em que o país, como economia agrária exportadora teve uma importância fundamental em determinado período e continua tendo ainda de alguma forma, a nova realidade industrial globalizada determina um modo diferente e dinâmico de se incluir no mercado mundial.

É importante destacar que essa dificuldade não é primazia brasileira. Em todos os países periféricos na economia mundial verifica-se atualmente esse problema de posicionamento. No caso brasileiro, por seu passado, pelas características de sua colonização, suas dimensões continentais e outros fatores, essa inserção econômica e a própria identificação sócio-cultural ficam ainda mais comprometidas. Um país que se destaca como uma potência no cenário latino-americano, e por que não dizer, no mundo, mas ao mesmo tempo mantém algumas práticas e costumes provincianos e um “complexo de vira-latas”, que faz ver tudo que é nacional como sendo de qualidade inferior, pior que o que vem de fora⁵.

Nesse sentido, torna-se prática social e uma espécie de passatempo nacional falar mal do país e de suas instituições. Dessa forma atingimos certa ambigüidade, pois, apesar de exaltar algumas características próprias do Brasil, como a sensualidade, as belas praias, a cordialidade, etc., ao mesmo tempo criticamos interna e externamente, nossos produtos, nossas práticas,

⁵ A expressão “complexo de vira latas” foi alcunhada pelo dramaturgo e cronista esportivo Nelson Rodrigues com a intenção de explicar as derrotas do Brasil nas Copas de 1950 e 1954. Lembremos que o antropólogo Darcy Ribeiro (1972) afirmou em uma ocasião que o Brasil oscilava entre um “ufanismo tolo” e um “pessimismo exacerbado”. A derrota em 1950 e a conquista do tricampeonato em 1970 talvez tenham confirmado o dito de Ribeiro, em um momento em que o futebol se transformava em metonímia da nação. Verificamos, no entanto, que as conquistas em 1994 e 2002 e as derrotas em 1998 e 2006 não provocaram discursos que transcendessem o universo esportivo. Para uma análise sobre futebol e identidade nacional na Copa de 2002 ver Helal e Soares (2004)



nossas autoridades e instituições⁶. Para um melhor entendimento de como chegamos a esse ponto atual e ambíguo da identidade cultural brasileira, é preciso retomar o que foi dito por alguns críticos que estudaram o assunto através de várias abordagens: Darcy Ribeiro, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Lima Barreto, Machado de Assis, Roberto da Matta, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros, já discerniram a problemática de se entender o que é ser brasileiro, como o brasileiro se vê a si mesmo. Todos esses autores escrevem em épocas e situações distintas, mas o objeto de sua análise, o Brasil e seu povo, foram em determinado momento o objeto que os une.

Em sua narrativa da guerra de Canudos, conflito iniciado em 1897, Euclides da Cunha demonstra uma era de mudanças. Já em sua nota preliminar ele vislumbrava o iminente desaparecimento de certos tipos humanos, exemplares típicos do que ele chamou de “sub-raças sertanejas do Brasil”. O avanço da civilização, impulsionada pela industrialização e o crescimento populacional em níveis malthusianos, acrescido de ondas migratórias fizeram desaparecer “o jagunço destemeroso e o caipira simplório”, conforme previra o autor de *Os Sertões*. A descrição euclidiana do povo brasileiro à sua época é contundente: “Filhos do mesmo solo, etnologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico, dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela indústria alemã” (2002:9). Foi esta sociedade que, temendo o crescimento do modo de vida alternativo de Canudos, resolveu dizimá-los⁷.

Pode-se tomar como pontos de cisão claramente definidos o fim do período colonial e a proclamação da república. Todo o movimento intelectual e cultural da era pós-colonial foi eurocêntrico. Tentava-se reproduzir aqui um mimetismo, uma cópia das práticas e costumes da Europa. Se o modelo primário era a Lisboa do séc. XVI, num período posterior, com as revoluções liberais e os ideais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, o modelo a ser seguido aqui passa a ser a França. A reprodução de discursos e práticas européias no Brasil levou a importação de literatura, música, padrões de arquitetura e culturais em geral. Esse movimento de europeização em breve levaria ao surgimento de críticas ferrenhas e contramovimentos culturais. O mais famoso desses movimentos foi a semana de arte moderna de 1922, em São Paulo. Aquela “paulicéia desvairada” argumentava que já existia uma arte brasileira e que tínhamos que passar a ter uma referência própria ao invés de continuar olhando apenas para fora, sem perceber que não éramos mais uma colônia européia, mas um país livre, com isenção de práticas sociais e produção cultural própria. Entre os diversos fatores eles destacavam a importância da escravidão

⁶ Curioso notar que os argentinos possuem sentimento ambíguo semelhante em relação a eles mesmos. Para uma análise sobre a relação entre brasileiros e argentinos por meio do futebol, ver Helal (2007). Para uma descrição do modo de ser dos argentinos ver Carmo e Yanakiew (2005).

⁷ Ressaltamos que Euclides da Cunha muda seu discurso contra a “barbárie sertaneja” nos capítulos finais de sua obra, relativizando os conceitos de “barbárie” e “civilização”.



e da conseqüente miscigenação para a formação da arte e da cultura brasileiras. O fortalecimento do país passava, necessariamente por uma conscientização de quem somos e que país queremos. Aprender a lição que o nosso passado nos ensinava tornava-se necessário. Dialogavam com várias correntes de pensamento e concentraram esforços no sentido de entender as condições e possibilidades da cultura brasileira.

Seguindo a mesma linha dos modernistas, os pós-modernistas continuaram a idéia de disseminação e valorização da cultura brasileira. Seus métodos, entretanto foram diferentes. A prática de inclusão social e a discussão do papel institucional foram constantes nesse período⁸.

Sérgio Buarque de Holanda, outro grande pensador que se dedicou ao tema, diz em seu clássico *Raízes do Brasil* que “a tentativa de implantação da cultura européia, em extenso território, dotado de condições naturais, senão adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências” (1997:31).

Buarque identifica nos povos ibéricos um traço marcante que vai ser fundamental para o entendimento do Brasil e seu povo: o culto à personalidade, a autonomia do homem em relação aos seus semelhantes no espaço e no tempo. Para os povos ibéricos, notadamente os espanhóis, “o índice de valor de um homem, infere-se antes de tudo da extensão em que não precise depender dos demais, em que não necessite de ninguém, que se baste. Cada qual é filho de si mesmo, de seu espaço próprio, de suas virtudes” (1997:32). Essa é uma visão estoicista do mundo. Esse pensamento, segundo o qual o homem é apenas mais uma peça na grande estrutura que é a natureza, devendo viver segundo as leis naturais, leva a um acirramento das relações interpessoais. Esse princípio norteia grande parte do pensamento ocidental, se imaginarmos que serve de base inclusive para a Bíblia. A falta de coesão em nossa vida social não é um fenômeno moderno.

Nesse sentido, a presença de fatores aglutinadores é de grande importância na constituição de algum tipo de identificação coletiva. Podemos citar a religião - onde a maioria da população brasileira se diz cristã - e o idioma, já que do Oiapoque ao Chuí, “dos pampas aos seringais”, se fala o português, graças ao marquês de Pombal, que proibiu a utilização e o uso das línguas indígenas em 1785. Na época da ordem do marquês, dois em cada três brasileiros falavam apenas o tupi-guarani. Dessa forma, podemos entender a figura do marquês de Pombal, considerado um déspota esclarecido, como um fator importante na integração do país e na formação da identidade brasileira, apesar de estar defendendo os interesses da Coroa portuguesa

⁸ Um grande nome desse movimento foi o educador esquerdista Paulo Freire, que criou um método de alfabetização revolucionário, que nunca foi utilizado no Brasil, mesmo tendo seus méritos acadêmicos reconhecidos



em um período histórico em que o Ciclo do Ouro está em decadência e existe uma necessidade de autoridades portuguesas de reforçarem o Pacto Colonial.

Se pensarmos em termos de simbologia oficial, os símbolos da pátria são: o selo nacional, a bandeira nacional e o hino nacional. Esses três são ilustres desconhecidos para a maioria da população brasileira. Os próprios representantes da nação, como políticos e atletas, muitas vezes ficam visivelmente embaraçados ao ter que entoar o hino nacional por desconhecer a letra. Dentre todos esses fatores, o esporte é notadamente o mais influente elemento de aglutinação de interesses no Brasil. Quando falamos em esporte, estamos falando de futebol, pois no Brasil esporte e futebol são sinônimos. É nítido que os brasileiros ficam mais unidos em torno de um ideal a cada quatro anos. Percebe-se nas ruas uma motivação diferenciada, as cores nacionais estão por toda parte, os indivíduos se unem para tarefas como pintura de ruas, enfeitar as casas, expor em todo canto seu amor pela pátria. Esses eventos são as copas do mundo de futebol, e despertam-nos de nossa catarse coletiva, numa espécie de “nacionalismo cíclico”. Ao contrário dos Estados Unidos, onde existem quatro grandes esportes de massa: hóquei, basquete, baseball e futebol americano, aqui - e quase em todo o mundo - temos o futebol como esporte hegemônico.

Helal (2002) afirma que o futebol foi introduzido no país num período de importantes mudanças na sociedade: monarquia para república, escravismo para trabalho assalariado, etc. A implantação do futebol e sua organização rumo à importância para a identidade brasileira seguiu alguns passos importantes: a origem da Confederação Brasileira de Desportos (C.B.D.), as primeiras Copas do Mundo, a realização do Mundial de 1950 e a conquista do tricampeonato em 1970 com o surgimento, no final da mesma década, da C.B.F.

a) *Origem histórica da Confederação brasileira de desportos (C.B.D.) e as primeiras Copas do Mundo.*

O crescimento da importância do futebol dentro da sociedade brasileira ao longo do século XX gerou a necessidade de criação de entidades específicas para regulamentar esta prática desportiva. A Federação Brasileira de Sports foi fundada em 8 de junho de 1914 no Rio de Janeiro, porém no dia 3 de março de 1915, a Liga Paulista de Futebol criou uma nova entidade, a Federação Brasileira de Futebol com os objetivos de combater a F.B.S. e tornar-se a entidade máxima no comando do futebol brasileiro. Nascia a rivalidade Rio/São Paulo no âmbito esportivo.

Por ocasião da realização do primeiro campeonato sul-americano de futebol na Argentina em 1916, surgiu um impasse, pois a Liga Paulista de Futebol estava registrada na Confederação



sul-americana, porém os jogadores do Rio de Janeiro e metade dos paulistas estavam filiados a FBS.

O Ministro das Relações Exteriores na época, Lauro Muller decidiu intervir e foi proposta a criação da C.B.D. com as Federações filiadas diretamente à entidade, fato que se consumou no dia 21 de junho de 1916, quando foram extintas a FBS e a FBF, cujo primeiro presidente foi Álvaro Zamith. No mesmo ano, sob o comando de Arnaldo Guinle, a entidade conseguiu o registro provisório junto a FIFA.

No dia 20 de maio de 1923, a C.B.D. filiou-se a FIFA (Federation International of Football Association), entidade máxima que regula o futebol e havia sido fundada no ano de 1904 pelos seguintes países (França, Holanda, Suíça, Espanha, Dinamarca e Suécia) com objetivo de divulgar o esporte em todo o planeta e realizar torneios mundiais.⁹

Entretanto, as dificuldades conjunturais do início do século XX, sobretudo a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) inviabilizaram a concretização imediata da realização de uma Copa do Mundo.

A proposta efetiva, e que viria a ser a definitiva, foi feita pelo presidente Jules Rimet, no Congresso da FIFA realizado em 1928 por ocasião da Olimpíada de Amsterdã. Ficou decidido que a partir de 1930, a cada quatro anos seria realizado um campeonato internacional que receberia o nome de Copa do Mundo.

A organização do primeiro campeonato de futebol em território uruguaio representava a consagração da sua força, visto que o Uruguai havia sido bicampeão olímpico em 1924 e 1928. A então “Suíça da América do Sul” teve a honra de sediar o primeiro torneio do esporte que ao longo do século XX se tornaria no mais popular do planeta.

O campeonato seria realizado no ano do centenário da organização constitucional do país, e a festa mundial, consolidada principalmente com a vitória uruguaia foi o principal elemento de celebração da nação.

“El país se recogía sobre si mismo, en la infatuación de sus cien años (no tan apacibles, no tan continuos) de vida constitucional; y el fútbol habría de poner – a distancia, hoy puede decirse sin demasiada irreverencia – el sello más memorable a tal conmemoración” (Moreno, 1970: 293).

Nesta primeira Copa do Mundo, o Brasil teve um desempenho decepcionante devido a uma briga entre os dirigentes da C.B.D. e a da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), cujo motivo foi o fato da C.B.D. não ter colocado entre os membros da comissão

⁹ Informações sobre a origem da C.B.D obtidas em ASSAF e Napoleão (2004).



técnica um integrante paulista. O grupo de atletas que foi ao Uruguai era formado quase que exclusivamente por jogadores do Rio de Janeiro, pois a APEA alegou na convocação que não havia tempo hábil para “chefes de família” deixar tudo organizado e partir para ficar tanto tempo afastados de casa”. Com isso ficaram de fora estrelas como o atacante Friendreich, que é considerado o primeiro grande craque do futebol brasileiro e segundo muitos pesquisadores teria sido o maior goleador da História.

A Copa de 1934 realizada na Itália também foi decepcionante para o Brasil, pois as brigas entre as Federações do Rio de Janeiro e São Paulo e a discussão interna entre amadorismo e profissionalismo prejudicaram a preparação da equipe que foi desfalcada de seus atletas profissionais e acabou sendo eliminada na estréia pela Espanha por 3 a 1.

O primeiro torneio em que o Brasil efetivamente se destaca e que o futebol brasileiro aparece internacionalmente é a Copa realizada na França em 1938. Além de um honroso terceiro lugar, o Brasil foi exaltado pelo “jogo vistoso” e por figura de Leônidas da Silva, que foi o artilheiro e escolhido o craque do Mundial. Nascia aí a semente da construção “país do futebol”, da “pátria de chuteiras”?¹⁰

b) A realização da Copa do Mundo de 1950.

Antes do início da III Copa do Mundo em 1938 na França, o Brasil tinha se mostrado disposto a realizar um torneio em seu território, porém este se realizaria apenas em 1946, pois o torneio de 1942 seria patrocinado pela Alemanha. A segunda guerra mundial interrompe os torneios de futebol que desde o primeiro campeonato passaram a ser realizados sistematicamente a cada 4 anos. Após o conflito armado, com o início do processo de reestruturação do cenário político mundial, intensifica-se em todo planeta a organização de eventos globais tanto esportivos como culturais.

A própria FIFA, cuja sede era em Paris, foi transferida durante a guerra pelo presidente Jules Rimet para a Suíça, onde se encontra até hoje, devido à intervenção alemã na França e o medo de que Hitler se apropriasse da entidade.

Em nosso país na década de 40 a paixão pelo futebol propagava-se intensamente em todas as classes sociais afirmando-se como uma intensa manifestação popular¹¹.

¹⁰ Suspeitamos que a simbologia do futebol brasileiro, que se utiliza de um suposto “estilo” de jogo, que nos caracterizaria, denominado “futebol-arte”, tenha sido “construída” a partir deste Mundial, principalmente pela visão dos franceses.

¹¹ O jornalista Mário Filho foi um dos principais articuladores da construção do futebol como fator de integração nacional. Seu livro, *O Negro no Futebol Brasileiro* (primeira edição de 1947 e segunda de 1964) tornou-se uma referência nos primeiros estudos acadêmicos sobre este esporte no Brasil. Para uma discussão a respeito da importância do livro do Mário Filho na construção da mitologia do futebol brasileiro, ver Helal, Soares e Lovisolo (2001).

“O futebol tornou-se uma indústria nacional, no fim da Segunda Guerra Mundial, fortemente regulada pelo governo. Jornais e rádios continuaram a manter sua popularidade. A urbanização produziu uma grande mudança: enquanto a diretoria permanecia no campo sagrado das elites, os associados eram de classe média, que foram atraídos ao clube por suas atividades sociais (bailes de carnaval, restaurantes, piscinas) e pelo status a eles oferecidos pela primeira vez. Os associados passaram de algumas centenas a milhares no início dos anos 40, e uma geração depois o Flamengo tinha 65.000 pessoas e o Corinthians 150.000 associados. O futebol não só afetou espaço para a classe média como afetou muito o público. Despertando interesses, produziu nos grupos o sentido da diversidade dentro das cidades e elos horizontais entre grupos em uma sociedade dominada pelos laços hierárquicos verticais” (MEIHY, 1982: 31)

É importante destacar também que nesta década o C.N.D. (Conselho Nacional de Desportos), que foi criado por Getúlio Vargas através do Decreto-Lei n. 3.199/41 controlava o esporte no país, criando leis e atuando como tribunal, além de gestor dos recursos, sobretudo nos períodos ditatoriais. Sua função primordial era supervisionar a estrutura do esporte no Brasil, praticamente unificando administrativamente o controle das atividades esportivas.

Após a Segunda Guerra Mundial em 1946 é realizado um Congresso da FIFA em Luxemburgo, e apenas o Brasil apresentou-se como candidato para realização do torneio em 1950. O futebol parece ressurgir do conflito mundial com mais força, pois apesar da impossibilidade das nações européias sediarem a Copa, as Federações britânicas voltaram a incorporar-se a FIFA, e ocorre a filiação da URSS, que emerge da guerra como uma superpotência mundial. No Congresso da FIFA realizado durante as Olimpíadas de 1948 em Londres o Brasil foi ratificado como próxima sede.

As autoridades brasileiras, influenciadas pelo presidente da C.B.D. Rivadávia Correa Meyer, o prefeito da cidade do Rio de Janeiro Ângelo Mendes de Moraes e principalmente o jornalista Mario Filho, que em seus artigos defendia veementemente a realização do torneio, entenderam que era um momento de promover uma imagem grandiosa do país no exterior e se esforçaram para construir o maior estádio do mundo e organizar um campeonato impecável.

Em um mundo onde uma nova configuração internacional bipolar se articulava, para muitos brasileiros a nação precisava demonstrar a força do seu povo e adquirir respeitabilidade perante os outros países. Após a ditadura varguista do Estado Novo, o Brasil do governo Dutra buscava alinhar-se com os interesses dos Estados Unidos e construir internacionalmente a imagem de país soberano e civilizado prestes a integrar a restrita constelação de satélites importantes dentro da periferia norte-americana.

Apesar do futebol não ser um dos esportes prediletos nos Estados Unidos, a realização de um evento da magnitude de um campeonato mundial propiciaria o respeito e admiração desse país, cuja seleção inclusive participou do torneio e foi responsável por uma das maiores surpresas



da história do futebol mundial, ao derrotar a seleção inglesa por 1x0 com um gol de um jogador haitiano naturalizado.

A construção do Maracanã tem uma conotação simbólica importantíssima dentro da formação deste discurso de grandiosidade da nação, pois o “Gigante do Derby” como ficou conhecido na época o maior estádio do mundo, seria construído em menos de dois anos e segundo a imprensa e as autoridades demonstraria a nossa capacidade empreendedora para todo o mundo. A pedra fundamental fora lançada no dia 2 de agosto de 1948, e sua pomposa inauguração ocorreu no dia 16 de junho de 1950, uma semana antes do início do torneio, com um jogo entre novatos paulistas e cariocas. Os paulistas venceram por 3x1, mas o primeiro gol do Maracanã foi marcado pelo carioca Didi.

O “Colosso do Maracanã”, fora erguido sobre o terreno da antiga pista hípica do Derby Club, representava mais que um grande estádio de futebol; era a afirmação das possibilidades de um povo enquanto nação grandiosa, o passaporte para o progresso e para o mundo civilizado.

A suntuosidade e imponência do estádio causaram a admiração de toda a crônica internacional, e entre eles o jornalista Willy Meisl declararia que “é não somente o maior estádio, mais acima de tudo o mais belo, a construção de beleza mais surpreendente em sua natureza do mundo” (in Perdigão, 1986: 46). Porém não seria “apenas” a construção do maior estádio do mundo que consolidaria a imagem do país no exterior. Era necessário que se constituísse em um paradigma de organização.

Além disso, uma vitória do selecionado nacional melhoraria a imagem do país no exterior, demonstrando que esse povo “mestiço dos trópicos” estava pronto para conquistar a glória de ser campeão dentro de um esporte tão popular. Antes do jogo contra a Iugoslávia, que o Brasil venceu por 2x0, no final da fase classificatória, o prefeito Ângelo Mendes de Moraes proclamaria:

“Jogadores do Brasil! A batalha do Campeonato Mundial se compunha de duas partes. A primeira: a construção do Estádio e ele aí está. A segunda é a vitória do Brasil no campeonato. O Governo Municipal, na parte que lhe competia, cumpriu o seu dever. Brasileiros, cumpri com o vosso” (Mendes, Moraes Ângelo. *Jornal dos Sports*, 2 de julho de 1950).

O dia 16 de julho seria a coroação da realização de um grande evento. Brasil e Uruguai se enfrentariam pelo título da Copa. A seleção nacional vinha de dois resultados contundentes na fase final perante a Suécia e Espanha: 7x1 e 6x1 respectivamente e necessitava apenas de um empate frente ao escrete uruguaio. A celeste olímpica tinha tido dificuldades e apenas empatara



em 2x2 com a “fúria espanhola”, e vencera com dificuldades a Suécia por 3x2, após estar perdendo até os 15 minutos finais.

A expectativa era grande e a derrota deixou perplexas aproximadamente 200.000 pessoas que compareceram nesta partida histórica. O antropólogo Roberto Da Matta afirmaria que esta derrota é talvez a maior tragédia contemporânea do Brasil, acrescentando o seguinte: “Primeiro porque implicou uma coletividade e trouxe a visão solidária de uma oportunidade histórica. Segundo, porque ela ocorreu no início de uma década na qual o Brasil buscava marcar o seu lugar como nação que tinha um grande destino a cumprir.” (1982: 31)

Mas apesar da incontestável derrota que impediu os brasileiros de sagrarem-se campeões mundiais, acabando com a festa do povo e instaurando uma intensa comoção nacional, podemos verificar nos discursos de muitos cronistas da época, inclusive nas palavras de Mario Filho, a tentativa de valorizar a realização do evento para a nação brasileira. Em uma crônica, três dias após a final, cujo título era “O Brasil ganhou mais com a derrota” o jornalista afirmou:

“O Brasil já conquistara a admiração do mundo pelo estádio que construía, uma prova da capacidade de realização do brasileiro. Depois das grandes exibições do scratch brasileiro, os críticos olharam o maior estádio do mundo como um monumento digno do maior futebol do mundo. Faltava apenas para a consagração definitiva a prova da derrota.” (Filho, Mario. *Jornal dos Sports*, 19 de junho de 1950.)

Entretanto, apesar dos esforços da imprensa em diminuir o impacto da derrota, tentando construir uma imagem idealizada de tudo que teríamos conquistado com a realização da Copa do Mundo,¹² a realidade é que, para a maior parte dos brasileiros, o Brasil tinha sido humilhado e a derrota acabaria estigmatizando os jogadores como “perdedores”.

c) *O tricampeonato de 1970 e a era C.B.F.*

O Campeonato de 1970 é um divisor de águas nos torneios mundiais de futebol, porque o Brasil como vencedor recebeu em definitivo o troféu Jules Rimet, sagrando-se o primeiro tricampeão mundial de futebol (1958/1962/1970), em um contexto delicado da nossa História recente, pois o presidente Médici utilizou o título para melhorar a imagem de um regime ditatorial com *slogans* como “Ninguém segura este país” e “Pra Frente Brasil”.

Nesta época a Confederação Brasileira de Desportos (C.B.D.), era uma entidade vinculada ao ministério da educação, funcionando como órgão do terceiro escalão do governo, fato que evidencia a ingerência do regime militar nas questões futebolísticas.

¹² Sobre uma análise do discurso da imprensa brasileira e uruguaia a respeito do impacto da partida final da Copa do Mundo de 1950 ver Cabo (2007).



Independentemente da manipulação política exercida pelos governos ditatoriais, no âmbito cultural, a vitória no Mundial de 70 consolidou o futebol como elemento de identificação cultural fortalecendo o sentido de pertencimento à nação durante as Copas do Mundo entre os brasileiros.

No final da década de 70, em 24 de setembro de 1979 foi extinta a C.B.D. e criada a atual Confederação Brasileira de Futebol com o objetivo de cuidar exclusivamente do futebol. Nos 24 anos de gestão da C.B.F, o Brasil consolidou definitivamente sua supremacia no cenário mundial, conquistando o pentacampeonato com os títulos dos torneios realizados nos EUA em 1994 e em 2002 com a vitória na Copa realizada no Japão e Coreia do Sul. Além disso, é o único país que participou das 18 edições dos torneios mundiais na sua fase final, fato que pode ser considerado uma vitória para ambas as instituições, C.B.D e C.B.F.

A seleção brasileira tornou-se em menos de um século de existência uma referência do Brasil não só para os cidadãos apaixonados por futebol, mas para a própria identificação da imagem da nação no exterior.

Neste sentido, a C.B.F. tem a função primordial de estabelecer as diretrizes do futebol brasileiro exercendo muitas vezes um controle arbitrário sobre a “paixão nacional”. Caberá a esta entidade a função de organizar a Copa do Mundo de 2014, fato que deve ser devidamente supervisionado pela sociedade brasileira. Se o futebol é símbolo da cultura brasileira no século XXI, ainda que o seu papel como metonímia da nação esteja sendo diluído nas últimas décadas, é importante estar atento para que não seja utilizado para atender interesses pessoais.

2014: novos horizontes ou mais do mesmo?

Copa de 2014: o Brasil formalizou em 31 de julho de 2007 sua candidatura à país sede da copa do mundo de 2014. O grande teste para essa empreitada se deu com a realização dos jogos pan-americanos na cidade do Rio de Janeiro. O papel brasileiro na disputa pela copa foi facilitado graças ao rodízio continental implantado pela FIFA. Num calhamaço de 900 páginas estavam depositadas as explicações e as esperanças brasileiras para sediar a segunda copa do mundo de nossa história. Para promover a candidatura, que logo se tornou única, devido à desistência do Canadá e da Colômbia, a C.B.F recorreu aos seus ícones: Romário e Pelé estavam à frente da empreitada, como garotos-propaganda, e o escritor Paulo Coelho, maior vendedor de livros do país na atualidade, reconhecido internacionalmente, como embaixador oficial da candidatura. A FIFA não tinha muita confiança nas possibilidades brasileiras de realizar uma tarefa tão grandiosa, a ponto de seu presidente, Joseph Blatter, declarar, na cerimônia de oficialização da candidatura brasileira: “Por enquanto, o Brasil ainda não recebeu a Copa. Se



algo acontecer com a candidatura brasileira, ainda teremos tempo de começar de novo, já que estamos um ano adiantados no processo decisório em relação a Copas anteriores.¹³ As dificuldades de infra-estrutura e os estádios ultrapassados certamente pesariam muito ao se analisar a proposta do “país do futebol”.

Como se percebe, o fato de ser uma candidatura única não facilitou tanto a empreitada brasileira. Pelo contrário, tornou-se um fator a mais na disputa. O próprio presidente da FIFA pronunciou-se a respeito, dizendo que “foi um desafio muito grande para a instituição trabalhar com uma candidatura única. Talvez nossas exigências tenham sido maiores do que se tivéssemos mais candidatos”¹⁴. O presidente disse ainda que ficou impressionado com a candidatura brasileira e acredita que a copa terá grande impacto social e cultural para o país.

Nosso estádio mais novo, o Estádio Olímpico João Havelange, popularmente conhecido como “Engenhão”, construído para os jogos pan-americanos, tem perfil de atletismo, e, se é novo e adequado aos padrões internacionais, ao mesmo tempo tem pequena capacidade (45 mil pessoas, com projeto de expandir para 60 mil, porém apresentando falhas em jogos com 30 mil pagantes) e não se pode comparar aos estádios utilizados nas últimas duas copas do mundo de futebol: Alemanha 2006 e Coréia/Japão 2002.

Houve o anúncio da intenção de se construir mais quatro estádios, todos de médio porte, para sediar a copa. Serão dez cidades-sede e os centros urbanos mais importantes do ponto de vista econômico certamente estão garantidas. A Alemanha utilizou 12 estádios, oito reformados e quatro construídos especialmente para o evento. Sendo uma potência econômica, os 3,7 bilhões de euros gastos pelos germânicos na construção e reforma dos estádios não foi um empecilho, mas um investimento desse porte se mostra muito difícil aqui¹⁵.

Os padrões requeridos pela FIFA, apesar de altos, não impediram a inédita empreitada de uma copa do mundo na África. O pontapé inicial da África do Sul rumo à copa de 2010 foi dado de um ponto muito aquém das condições brasileiras visando 2014. O grande diferencial é o ineditismo dos africanos além, é claro, do modismo do politicamente correto que mostra sua propaganda de inclusão, como se um evento esportivo fosse atenuar as marcas deixadas pela escravidão e o *apartheid*.

As desavenças em torno da copa começaram cedo e internamente, mesmo após o anúncio oficial da vitória da candidatura brasileira, em 30 de outubro de 2007: a agência responsável pela comunicação da copa, MPM, histórica agência hoje comandada pelo grupo publicitário de Nizan Guanaes, criou o *slogan* “a copa do mundo é nossa”, numa óbvia e justa alusão à conquista

¹³ Dados coletados no site da FIFA (www.fifa.com) no dia 20 de junho de 2008.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Dados coletados no Lancenet (www.lancenet.com.br).

brasileira em 1958 na Suécia, quando essa frase foi cantada a plenos pulmões nas comemorações do título. A primeira declaração oficial do “eterno” presidente da CBF, Ricardo Teixeira, serviu como um “puxão de orelha” público nos criadores do *slogan*: “a copa do mundo não tem dono, pertence a todos os brasileiros que quiserem trabalhar em prol do sucesso da competição”. Usando o discurso de nacionalismo e aglutinação em torno de um ideal, já defendido na recente realização dos Jogos pan-americanos, o presidente da entidade disse que “todos terão acesso ao comitê organizador”.



Logo que foi mostrado ao grande público, o logotipo da copa de 2014 causou controvérsia. A reação mais consensual e imediata é de que o logotipo remete ao da empresa estadunidense de tecnologia Google. Além disso, a cor vermelha parece estar “sobrando”, e muitos a associaram ao partido dos trabalhadores, cujo fundador encontra-se atualmente na presidência da república. De fato, a cor vermelha não encontra razão de ser e não há referência possível a símbolos nacionais ou esportivos. Os demais elementos presentes remetem à bandeira brasileira e ao futebol. A outra possibilidade de que seriam estas as cores que representam os continentes (nos círculos olímpicos, por exemplo), não se verifica, pois, nesse caso, percebe-se a ausência da cor preta¹⁶. Além da cor vermelha, propositadamente no número 4 (tempo do mandato dos cargos executivos no país), alguns discernem uma “letra L” (de Lula) inserida no 4. Suspeita-se de mais “coincidências”: após o presente mandato, o atual presidente só poderá se candidatar ao cargo máximo no ano de... 2014. Dessa forma, percebe-se a desconfiança de muitos em relação ao uso político da realização do que poderá vir a ser nosso evento patriótico mais importante dos últimos tempos. No entanto, a controvérsia, por si só, indica também o interesse que a organização do Mundial já está despertando nos brasileiros.

Curioso observar também que algumas citações do famoso “maracanazo” (referência à derrota para o Uruguai na final da copa de 1950) surgiram, no Brasil e no exterior, inclusive na página oficial da FIFA. Suspeitamos que, apesar das cinco conquistas em solo estrangeiro, o Mundial no Brasil vai trazer à tona a memória da derrota em 1950. Talvez, esta rememoração seja mesmo importante para uma narrativa midiática que esteja buscando dramatizar a

¹⁶ Ver, em anexo, os logotipos das outras Copas do Mundo.



competição e remeter as pessoas a um passado onde o futebol foi um dos principais elementos aglutinadores da nação.

Porém, se comparamos a situação atual com a forte carga emocional expressa na derrota na copa de 1950 ou no tricampeonato em 1970, podemos especular, como fizeram Helal e Gordon (2002), sobre o fato de estarmos assistindo a um declínio do interesse pela seleção, apesar das recentes conquistas. O torcedor esporádico (de Copa do Mundo) ainda conserva seu “nacionalismo cíclico”, quadrienal, atrelado à seleção canarinho, mas a expressão “*pátria de chuteiras*”, cunhada pelo dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues para exprimir a relação que se percebia entre identidade nacional brasileira e seleção de futebol perdeu muito da sua carga simbólica. Resta saber como os brasileiros e sua imprensa irão se articular em torno deste simbolismo diante de um evento como a Copa do Mundo organizada no país. Seremos testemunhas de um resgate simbólico de um nacionalismo exacerbado ou a espetacularização do evento nos moldes do capitalismo do século XXI diluirá a identificação nacional?

Referências bibliográficas

- ASSAF, Roberto e Napoleão, Antônio Carlos. *Seleção Brasileira 90 anos, 1914- 2004*. Rio de Janeiro, Mauad, 2004.
- CABO, Alvaro Vicente. “Copa do Mundo de 1950: Brasil X Uruguai – uma análise comparada do discurso da imprensa”. In MELO, Victor Andrade (org). *Historia Comparada do Esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007.
- CARMO, Márcia e Yanakiew. *Argentinos, mitos, manias e milongas*. São Paulo, Planeta, 2005.
- CUNHA, Euclides da, *Os Sertões*. Companhia de Canudos. 5ª edição, Rio de Janeiro, Nova Cultural, 2002.
- FIFA, www.fifa.com, capturado em 20/06/2008.
- DA MATTA, Roberto. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.
- http://en.wikipedia.org/wiki/Google_logo, capturado em 16/06/2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro: Rio de Janeiro, DP&A, 1998.
- HELAL, Ronaldo.”Jogo Bonito’ y Fútbol Criollo: La relación futbolísticas Brasil-Argentina en los medios de comunicación”. In GRIMNSON, Alejandro (Org.). *Pasiones Nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina*. Buenos Aires, Edhasa, 2007.
- HELAL, Ronaldo e SOARES, Antonio. “O Declínio da Pátria de Chuteiras: imprensa, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002”. In PEREIRA, Miguel, GOMES, Renato e FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain (orgs). *Comunicação, Representação e Práticas Sociais*. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio e Idéias & Letras, 2004.
- HELAL, Ronaldo e Gordon, Cesar. “A Crise do Futebol Brasileiro: perspectivas para o século XXI. In *Eco-Pós – Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura*, vol. 5, número 1, UFRJ, 2002.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª edição, São Paulo. Companhia das Letras, 2004.



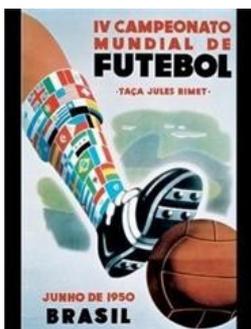
MARTINEZ Moreno, Carlos. “*El mundial del 30*” in *100 años de Fútbol*”. Mvideo: Editores Reunidos, 1970.

MEYHI, Jose Carlos Sebe Bom. “Esporte e Sociedade: O caso do Futebol brasileiro”. In: *Futebol e Cultura: Revista SP Cultura n° 1*. org(Jose Carlos SebeBon Meihy e José Sebastião Witter; Secretaria de Estado e Cultura de São Paulo, 1982.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre; L&PM, 1986.

RIBEIRO, Darcy. *Os Brasileiros, 1. Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972

ANEXOS



1. Cartaz de divulgação da copa de 1950



2. Logotipos 1978 a 2010



3. África do Sul